Dossiê – março de 2017

Chiara Lubich às famílias

Trechos de alguns discursos programáticos

Um movimento de casais para o mundo da família

Deveria nascer da nossa Obra, um movimento muito vasto, composto por casais, ajudados por toda a Obra, para o mundo da família, para todos aqueles que, de várias formas, têm relação com o sacramento do matrimônio. (…) Deus nos confiou um semblante particular que é o de Jesus crucificado e abandonado. E assim, também no mundo da família, nós devemos ter a preferência por aquelas famílias nas quais este semblante é mais visível. Por isso, eis então, que nós procuraremos amar, de maneira particular, aquelas famílias nas quais existe a ameaça da separação, a ameaça do divórcio, aquelas famílias separadas e a serem reunidas. (…) Aqui diante de vocês, diante deste Jesus confiado a vocês, ao nosso Jesus como Obra, agora, assumamos esta tarefa: *Jesus* que olha o mundo, que vê as multidões e tem piedade delas; porque de toda esta porção de humanidade eu coloquei sobre os ombros de vocês aquela mais fragmentada, mais semelhante a Ele abandonado.

Extraído do discurso de fundação do Movimento Famílias Novas. Rocca di Papa (Roma), 19 de julho de 1967.

A família é o amor

Se for verdadeiro que o mundo é tal como a família o faz, sem dúvidas, vale também o contrário, ou seja, que a família é tal como a sociedade que a produz. Atualmente o mundo, frequentemente, está no lamaçal e a família, que está imersa nele, dificilmente emerge sadia e tem extrema necessidade da ajuda extraordinária da graça.

(…) De qual ponto o Movimento Famílias Novas quer partir para atuar este restabelecimento? A qual remédio recorre e em que fonte se nutre? Não existem dúvidas: Deus, que é o Amor; porque a família nada mais é do que uma engrenagem, um cofre precioso, um mistério de amor: amor nupcial, materno, paterno, filial, fraterno, amor da avó pelos netinhos, das netinhas pelo avô, pelas tias, pelos primos… Nada mais do que o amor constitui, liga, faz ser família. Se a família fracassou no mundo, é porque faltou o amor. Onde o amor se extingue, a família se esfacela.

(…) Quando no coração dos membros de uma família, esse amor está aceso, é vivo, não surgem problemas insolúveis, não se erguem obstáculos intransponíveis, não se lamentam fracassos irremediáveis. A família volta a ser bela, unida e sadia, como Deus a imaginou. Hoje a família precisa de uma forte injeção desse amor.

(…) O nosso Movimento deve levar as famílias, todas as famílias que encontrar, a este propósito: revitalizar o amor que é inerente a toda família com aquele amor que é puro dom de Deus. Enfim, que o amor faça reflorescer o amor. Se isso acontecer, já que tudo contribui para o bem daqueles que amam, até mesmo as aflições que hoje fazem a família gemer no mundo darão como fruto aquele novo modelo de família que os tempos exigem, que os sinais dos tempos anunciam.

Extraído do discurso proferido em 3 de maio de 1981 por ocasião do Familyfest, em Roma.

A família e a oração

Estamos em uma época na qual vem em evidência na Igreja a função do laicato. [Constata-se] como o Espírito, hoje, olhe com especial amor aos leigos, suscitando, por exemplo, Movimentos com espiritualidades aptas a eles. Esses Movimentos, para unir ainda mais os leigos a Deus, não os retira do próprio ambiente.

(…) Essas espiritualidades evidenciam que o coração do cristianismo é o amor ao irmão por amor a Cristo, porque nisto consiste a plenitude da lei e ensinam e impulsionam este amor: a recompô-lo quando foi interrompido, porque nem mesmo a oferta é agradável a Deus sem este amor; a colocá-lo em prática constantemente, partilhando com todas as pessoas que, na vida, encontram sofrimentos, fadiga, ânsias, preocupações e, também, alegrias. Acontece o mesmo com uma plantinha a qual, quanto mais a raiz penetra na terra, tanto mais o broto cresce em direção ao céu. E, igualmente, quanto mais se penetra no coração do próximo para carregar com ele sofrimentos e alegrias, mais a alma se une a Deus.

(…) A família, pequena igreja leiga, aprenda a percorrer também esses novos caminhos que o Espirito indica atualmente para estar com o Senhor, aprenda a experimentar esses sublimes efeitos do amor. Para esses efeitos também toda oração que recitará terá nova profundidade. Desta forma a família será sempre mais de Deus e sobre ela Deus poderá realizar os seus desígnios como o de abrir-se a muitas outras famílias, para que todas juntas constituam uma vasta família de filhos de Deus, cujos membros, ligados pelo amor que Jesus trouxe, testemunhem como deveria ser na terra a inteira família humana.

Extraído do discurso proferido em 8 de abril de 1989, por ocasião do Congresso "Família-sociedade: raízes no Absoluto para a atualidade do homem", Castelgandolfo (Roma).

Sementes de comunhão para a humanidade do Terceiro Milênio
Se observarmos a família, se dela fizermos uma espécie de radiografia, descobriremos valores imensos e muito preciosos que, projetados e aplicados à humanidade, poderão transformá-la numa grande família.
(…) Na família, é natural colocar tudo em comum? Eis a semente que pode desenvolver na sociedade uma economia para o homem. Eis a semente de uma cultura da partilha, de uma economia de comunhão.
Na família, é espontâneo viver um para o outro, viver o outro? Eis a semente da acolhida entre grupos, povos, tradições, raças e civilizações, primeiro passo para a inculturação recíproca.
Na família, a transmissão de valores acontece espontaneamente de geração em geração? Isto pode então servir de incentivo a uma nova valorização da educação na sociedade; e a maneira de corrigir e perdoar na vida de família pode iluminar o modo de conduzir a justiça.
Na família, a vida do outro é tão preciosa como a própria? Eis então a semente da cultura da vida que deve inspirar as leis e as estruturas sociais.
A família cuida da própria casa e reflete nela a própria harmonia? Aí está a semente de uma atenção renovada ao ambiente e à ecologia.
Na família, o estudo tem por objetivo o amadurecimento da pessoa? Esta é a semente que pode dar à pesquisa cultural, científica e tecnológica a capacidade de descobrir gradualmente o misterioso desígnio de Deus para a humanidade e de trabalhar para o bem comum.
Na família, o amor é o vínculo natural entre os membros? Eis a semente de estruturas e instituições que cooperem para o bem da comunidade e dos indivíduos, até chegar à fraternidade universal, valorizando cada povo.
No mundo já existem estruturas e instituições, locais, nacionais e internacionais: ministérios, hospitais, escolas, tribunais, bancos, associações e organismos vários. Mas, é necessário humanizar essas estruturas, doá-las uma alma, de modo que o espírito de serviço alcance aquela intensidade, aquela espontaneidade e aquele impulso de amor pela pessoa que se vive na família.
Deus criou a família como sinal e modelo de toda e qualquer convivência humana. Esta é, portanto, a missão das famílias: manter o amor sempre aceso nos lares, reavivando desse modo aqueles valores que foram doados por Deus à família, para levá-los a toda parte na sociedade, generosamente e sem tréguas.
Extraído de um discurso preparado para o Congresso do Movimento Famílias Novas, 5 de junho de 1993, Roma.

A família é o futuro
(...) As violações patentes e encobertas desses direitos são inúmeras, invadem os nossos meios de comunicação e enchem-nos de tristeza. E são todas injustiças que, em última análise, terminam por recair sobre a parte mais pequenina e mais indefesa da sociedade, sobre cada família. A família é hoje, em certo sentido, o "receptáculo" da dor da humanidade.
Podemos representar plasticamente a família contemporânea com uma imagem: uma mãe ferida e desolada, que recolhe em seu seio o sofrimento da humanidade e grita ao céu o seu "por quê?"
É uma situação que deixa quase sem respiro. E nos perguntamos: qual o futuro da família? Ou pior: existe um futuro para a família?
Diante do grande mistério da dor, ficamos como que perdidos. Existe na Bíblia um ápice de dor, expresso através de um "por quê" gritado ao Céu. Quem a transmite é o evangelista Mateus, narrando a morte de Jesus: "Às três horas, Jesus grita em alta voz: 'Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?'" (*Mateus* 27,46).
(…) Não existe tragédia humana nem fracasso familiar que não estejam contidos na escuridão que se abate sobre o Homem-Deus. Com aquela morte Ele já pagou tudo; assinou uma promissória em branco, capaz de conter a dor e o pecado da humanidade que existiu, que existe e que existirá. Naquela tremenda experiência, como que um divino grão de trigo que apodrece e morre para restituir-nos a vida, Ele nos revela também a verdade do maior amor: sermos capazes de dar tudo de nós, de nos fazermos nada pelos outros.
(…) Diante de qualquer sofrimento, grande ou pequeno, diante das contradições e dos problemas insolúveis, experimentemos penetrar em nós mesmos e olhar de frente o absurdo, a injustiça, a dor inocente, a humilhação, a alienação, o desespero… Reconheceremos neles um dos tantos semblantes do Homem das Dores.
(…) Não são sonhos, são as experiências cotidianas de muitas famílias que, por meio do plano inclinado do abandono do Homem-Deus, mudaram a imensidão da dor delas em nova vida.
Às vezes, os traumas são remediados, as famílias são unidas novamente. Às vezes não. As situações externas permanecem como antes, mas a dor é iluminada, a angústia é serenada, a fratura é superada. Às vezes, o sofrimento físico ou espiritual permanece, mas adquire um sentido, quando se une o próprio sofrimento à Paixão de Cristo, que continua a redimir e a salvar as famílias e a humanidade inteira. E então o jugo se torna suave.
Extraído do discurso proferido em Lucerna (Suíça), por ocasião do 19º Congresso Internacional para a Família, promovido pela Fundação Internacional Suíça para a Família, 16 de maio de 1999.